

**Universidade de Brasília  
Instituto de Artes  
Departamento de Artes Visuais  
Graziane Lucilene dos Reis**

**INSETOS:  
SONHO NEGRO**

Brasília /DF, dezembro de 2011.

**Universidade de Brasília  
Instituto de Artes  
Departamento de Artes Visuais  
Graziane Lucilene dos Reis**

**INSETOS:  
SONHO NEGRO**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Plásticas, habilitação em bacharelado, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Autora: Graziane Lucilene dos Reis

Orientadora: Professora DRa Maria Beatriz de Medeiros.

Brasília (DF), dezembro de 2011.

Trabalho de conclusão apresentado e aprovado, em 09/12/11, pela banca examinadora constituída pelos professores:

---

Prof.(a) Maria Beatriz de Medeiros

---

Prof. Elder Rocha Lima Filho

---

Prof. Shahram Afrahi

Dedico este trabalho a minha família, que, sempre ao meu lado, dão as bases para se alcançar um sonho.

## **Agradecimentos**

Primeiramente a Deus, por permitir expandir meus conhecimentos.

A meus pais, que sempre apoiaram em todos os momentos da vida.

Aos meus irmãos que me fizeram compreender melhor o mundo e acreditar que seguir em frente é o melhor caminho, além do apoio e cumplicidade que compartilharam.

A meus amigos que me ajudaram nessa jornada de inúmeras formas, seja com o carinho, com a motivação ou com a ajuda.

**“Precisamos estar dispostos a nos livrar da vida que planejamos, para podermos viver a vida que nos espera. A pele velha tem que cair para que uma nova possa nascer.”**

**Joseph Campbell**

## Sumário

|                                   | <b>Pág.</b> |
|-----------------------------------|-------------|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....           | 01          |
| <b>1. REFLEXÃO</b> .....          | 02          |
| <b>2. REFERÊNCIAS</b> .....       | 05          |
| <b>2.1. O GÓTICO</b> .....        | 05          |
| <b>2.2. O Pensar</b> .....        | 08          |
| <b>3. PROCESSO CRIATIVO</b> ..... | 17          |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> ..... | 28          |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....          | 29          |
| <b>APÊNDICES</b> .....            | 30          |

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1- Ana Elisa Dias Baptista, *Ciranda* (gravura em metal- 45x60cm, 2000) página12.

<http://www.museuvictormeirelles.org.br/umpontoeoutro/numero3/entrevista.htm>,  
acesso em setembro.

Figura 2- Ana Elisa dias Baptista, *Ciranda* (gravura em metal-15x20 cm, 2000) página13.

<http://www.museuvictormeirelles.org.br/umpontoeoutro/numero3/entrevista.htm>,  
acesso em setembro.

Figura 3- Ana Elisa Dias Baptista, *Ciranda* (gravura em metal-10x14cm, 2006)página14.

<http://www.museuvictormeirelles.org.br/umpontoeoutro/numero3/entrevista.htm>,  
acesso em setembro.

Todas as outras figuras são de minha autoria, série Insetos: sonho negro, tamanhos variados 2011.



## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, proponho relacionar os insetos a uma poética imagética, como objeto estético e simbólico na arte, que leva esses animais a um lugar não comum - o de protagonista.

O meu projeto de estudo visa analisar influências culturais, contos populares de diferentes nações, entre outras manifestações, que podem proporcionar um imaginário onde os insetos, desde sempre, são parte de uma expressão artística. A construção da linguagem artística é transmitida através do desenho, mais especificamente da aquarela, da criação e do imaginário.

O meu interesse é o aspecto diminuto dos insetos, além do seu mundo particular tão diferente dos humanos. Assim como na construção imagética que os insetos têm possibilitado na minha produção artística, principalmente pela forma. Isso é construído por um universo introspectivo, que seria como olhar de alguém para um ser vivo desconhecido.

A partir desse olhar foram desenvolvidos anotações, coleta de fotografias e desenhos que possibilitaram dividir o trabalho em três partes. Primeiro, uma reflexão sobre o tema escolhido; segundo, as referências e terceiro, o processo de criação.

## 1 – REFLEXÕES

A linguagem do artista, se expressa por suas mãos para o instrumento, demonstrando um grito preciso de sua linguagem. Diferente da prática e complementar a ela, a base teórica surge, aparece do ponto de vista ou da releitura que o artista faz do mundo.

A arte se ancora em outros conteúdos de analogias e estudos, em um diálogo incessante, mas nem sempre exposto ou totalmente compreendido, mas freneticamente modificado com o passar do tempo.

Na leitura de Maria Beatriz de Medeiros (2007) segundo as concepções de Heidegger, a arte se dá através do ato de fazer e praticando, concebendo-a, mas do que isso, a arte por si só é volátil, múltipla e totalmente particular do ponto de vista do ser. Não é simplesmente um código, a arte é uma parte ou o todo da alma do artista. (Medeiros, 2007)

Para Julia Kristeva, sendo a linguagem objeto do conhecimento assim como a arte, esta por sua vez, nunca será conclusiva. Mas se torna a cada instante um ponto de partida para entender um meio social e outros diferentes aspectos, a partir da linguagem artística.

Nas cidades do século XXI, quase tudo se modifica rapidamente. E o sujeito que vive nesse contexto absorve conflitos, certas características de comportamento. A comunicação com o próximo se modifica, adquire peculiaridades, e não só com o próximo, mas com todos os seres vivos e coisas que constituem o seu universo.

O interesse do ser pelo outro existe, desde a origem da humanidade com Adão e Eva, e também quando no mito, Narciso se apaixona por si, sem saber que quem procura é a si mesmo. Esse outro não é somente o humano, pode ser a natureza, os objetos, as vestimentas ou as construções urbanas. E foi nessa possibilidade que os insetos se fizeram presentes.

A dimensão, às vezes diminuta de um inseto, faz com que não nos importemos com sua existência no nosso cotidiano. Eles são apenas coadjuvantes diante de nossos objetivos, dramas e superações. Os vemos como ameaças nas tarefas cotidianas. Por exemplo: se aparecem na hora do almoço, queremos que sejam mortos; se andam pelas nossas casas, temos que retirá-los para que não proliferem; se os vemos na rua, nos espantamos.

Os animais pequeninos nem são lembrados como seres vivos. Na verdade, os taxamos de pragas. Nem sempre nos atentamos ao seu movimento, sua textura, suas cores ou fragilidades. Eles são cheios de plasticidades que ficam escondidas nas plantas, casas, edifícios, buracos sejam no meio urbano ou no rural.

Os insetos formam a maior classe do Reino Animal, são mais de 800.000 espécies conhecidas, mas mesmo assim nos interessamos pouco pelos seus universos, pelos traços de seus corpos, por suas matérias, suas cores. Eles são considerados pragas e nos esquecemos que cerca de 98% deles são animais que tem como importância: o equilíbrio de todo o sistema. Vemos os insetos urbanos com total repulsa, asco e ao usarmos nossos inseticidas.

Segundo a definição encontrada na Fundação Oswaldo Cruz: "Inseto" é uma palavra com um significado interessante, derivada do latim. *Animaleinsectum* significa "animal segmentado"; *insectum* é o particípio passado do verbo *insecare*, que quer dizer "cortar em" partes.

Portanto, a própria palavra inseto se refere ao fato desses animais possuírem o corpo dividido em segmentos. Um corpo belo, fragmentado com todas as suas peculiaridades; formando ângulos, espaços, transparências, sons e ainda tão pouco admirados por sua estética única.

Ao seguir uma trilha de formigas, deparamo-nos visualmente com centenas de bolinhas que caminham apressadas para cumprirem sua tarefa diária de alimentar sua rainha. Seus corpos formam um abstrato desenho na terra; ora circular, ora retilíneo e às vezes um amontoado de formas inidentificáveis.

O interesse por esse animal surge da observação da sua imagem no cinema, em fotografias, no cotidiano e na natureza. É pela possibilidade de investigar um universo pequeno ao qual o inseto pertence que pretendo explorar a delicadeza da sua forma.

O foco deste trabalho está nos insetos que possuem asas, pois é nos insetos alados que "experimentamos" o prazer do vôo. Eles são leves, frágeis e voam quilômetros sem perder sua graça e suas cores, pois a vida desses seres é diversa e curta para a maioria. Procuram alimentos, reproduzem-se e buscam a morte. Sim, a morte. Muitos procuram um lugar onde deixar seus ovos, uma parceira, e a maioria morre em seguida.

A vida das moscas, libélulas e borboletas exemplificam bem, pois começam a vida como um ovo, por uma fase de larva, depois por uma fase de pupa e por fim, em um animal adulto. Depois que as moscas chegam à fase adulta, começa o período de reprodução. O macho fertiliza a fêmea, ela está pronta para pôr os ovos. As moscas são seres solitários, por isso as fêmeas não cuidam dos ovos e nem protegem suas crias.

Uma mosca adulta tem no máximo três meses para se reproduzir antes de morrer, mas com a presença de predadores ela vive vinte e um dias e pode colocar até 900 ovos durante sua vida. (ciência.hsw.uol.com.br/mosca)

A libélula passa por três fases: ovo, ninfa e a fase adulta. Vivem a fase da ninfa embaixo d'água e neste período comem qualquer animalzinho, desde larvas de mosquitos, peixes e girinos. Elas saem da água para a metamorfose, escala um caule de uma planta perto d'água. A ninfa adere sua pele ao caule por onde fica até o adulto emergir. Neste momento a libélula não come e nem se mexe, até trocar a pele chamada escúvia e transforma-se em um adulto. Ela espera as asas secarem e procuram alimentos, um companheiro, reproduzem-se e na fase adulta vive por cerca de 2 meses. Todo seu ciclo de vida dura 4 anos. (diáriodebiologia.com)

Borboletas possuem quatro fases: ovo, larva, pupa e imago. Os ovos são depositados em uma folha qualquer escolhida. No período de larva, fazem da parte inferior da folha seu ninho, e esta folha não será comida. Começam então a comer a parte vegetal da planta e somente param para a digestão e absorção de nutrientes. O período da crisálida, ou pupa, começa quando a larva para de comer por completo. Nesta fase há a formação do casulo onde ficam até estarem prontas para a fase adulta. Após a metamorfose completa, esperam as asas secarem por horas e começam a procurar por um parceiro. Logo após a fecundação, procuram um lugar para por os ovos. Na fase adulta, podem viver, dependendo da espécie, de dois dias, seis meses a um ano. (ideariumperpetuo.com)

Esse é olhar humano na vida: há um pequeno instante onde ela existe, porém a morte está no comando. Esse momento são os segundos de transição, o sopro quando se está perdendo a vida. É na fase adulta dos insetos que a morte vem, depois que reproduzem, e é nesse momento o foco deste trabalho: quando perdem partes dos seus corpos, quando as asas já não batem, quando caem, quando estão no último movimento.

## 2- REFERÊNCIAS

### 2.1- O gótico

Na história, o termo gótico foi usado como adjetivo ou classificação de diversas manifestações artísticas, estéticas e comportamentais. Assim a palavra traz diversos significados.

O gótico originou-se dos Godos, povo bárbaro que se extinguiu por volta do ano 700 D.C. O termo foi usado na Renascença pela primeira vez para designar a arquitetura criada pela igreja católica. A produção artística desse período foi determinada como gótica.

No século XVIII, origina-se o romantismo em resposta ao iluminismo um período que idealizou a Idade Média. Uma parte da literatura romântica é conhecida como gótica. Como a Idade Média também é conhecida como "Idade das Trevas", o termo é aplicado como sinônimo de medieval, sombrio, macabro e por vezes, sobrenatural. As expressões *gothic novel* e *gothic literature* são utilizadas para designar este sub-gênero romântico, que trazia enredos sobrenaturais ambientados em cenários sombrios como castelos em ruínas e cemitérios. Assim, o termo gothicism, de origem inglesa, é associado ao conjunto de obras da literatura gótica. Posteriormente, influenciado pela Literatura gótica, surge o ultra-romantismo, um subgênero do romantismo que tem o tédio, a morbidez e a dramaticidade como características significativas.

No final da década de 70, surge a subcultura gótica influenciada por várias correntes artísticas, como o Expressionismo, o Decadentismo, a Cultura de Cabaré e Beatnik. Seus adeptos foram primeiramente chamados de Darks, aqui no Brasil, e curtiam bandas como Joy Division, Bauhaus, The Sisters of Mercy, entre tantas outras. Atualmente, a subcultura gótica permanece em atividade e em constante renovação cultural, que não se baseia apenas na música e no comportamento, mas em inúmeras outras expressões artísticas.

Nos meados da década de 90, viu-se emergir uma corrente cultural caracterizada por alguns elementos comportamentais comuns ao romantismo do século XVIII, como a melancolia e o obscurantismo, por exemplo. Na ausência de uma classificação mais precisa, esta corrente foi denominada Cultura Obscura.

Porém, de forma ampla e talvez até equivocada, o termo goticismo também é usado para denominá-la.

Há algumas semelhanças entre cultura obscura e subcultura gótica. Mas há também diferenças essenciais que as tornam distintas. Por exemplo, a Cultura Obscura caracteriza-se por valores individuais e não possui raízes históricas concretas como a subcultura gótica.

Entre os apreciadores da cultura obscura, é possível determinar alguns itens comuns, como a valorização e contemplação das diversas manifestações artísticas. Além de uma perspectiva poética e subjetiva sobre a própria existência; uma visão positiva sobre solidão, melancolia e tristeza; introspecção, medievalismo, entre outros.

Sintetizar em palavras um universo de questões filosóficas, espirituais e ideológicas que agem na razão humana, traz definições frágeis e incompletas de sua essência. Obscuro, sombrio ou gótico podem ser adjetivos de diversos contextos e conotações. Mas é, principalmente, o espelho que reflete uma personalidade.

A seguir livre tradução do manifesto sobre o neogótico redigido por Charles Alexander Moffat.

Cultura gótica é muito mais do que um monte de roupas e arte “escura” (dark).

Começou como uma parte do movimento Punk, uma rebelião contra o status quo e contra o governo. Foi uma rebelião contra religião, contra ideias de outras pessoas que eram “normais”.

Nós somos rebeldes.

Nós somos rebeldes sociais, desajustados, uma sociedade sem uma sociedade, ignorando até certo ponto mas ainda aqui, próspero e se transformando em algo mais popular do que nunca.

Na teoria nos poderíamos transformar tão popular que nós acabaríamos com a sociedade dominante, em que o gótico poderia na realidade transformar uma regra. E então poderia ser honesto porque na realidade pode ser considerado anormal ao invés dos básicos de normalidade.

O que é normal? O que é popular? Bertolt Brecht (o famoso dramaturgo) poderia dizer que popularidade é dependente sobre como novo, diferente e algo excitante. Entretanto, quando alguma coisa transforma-se tão popular que é normal, deixa de ser novo e excitante.

Gótico é sempre novo. Gótico é sempre diferente. Continua envolvente, adotando novas declarações fashion, novas afirmações artísticas.

E se aquele dia poderia se transformar, nossa individualidade poderá ter envolvimento com isso, mas por último por nós podemos ser dramáticos que alteram nosso mundo para o ponto que nós nos transformamos mais do que um show de horrores para as pessoas em um metrô. Nos podemos transformar um novo grupo social que não pode ser ignorado não mais e nossa ética e moral, muito destes são profundamente filosóficos e tem a verdade nisso, pode se transformar em uma nova pedra angular para toda uma sociedade.

E então eu digo, aplausos para o futuro do Neo- Gótico! Aplausos para cada estilo de arte que tem estado ao redor desde Francesco Goya no início do Período Romântico. Aplausos para as pessoas, para os designers, os escritores e artistas que se levantaram e fizeram a diferença.

Gótico é sobre rebeldia, contra as normas sociais, e o que é definido como forma velha, sexualidade e governo repressivo e religião. Gótico é sobre sexualidade e emoção livre. Gótico é sobre você mesmo. Em um escuro e misterioso tipo de forma.

E não é que como todo os indivíduos poderiam ter antes conhecimento para melhorar? Misterioso.

Sinceramente,

Charles Alexander Moffat

Curador da Lilith Gallery de Toronto

Escrito em 2001, Revisado em 2003.

A série de desenhos aqui apresentada e analisada se aproxima deste sentido de gótico nos aspectos da morbidez, dramaticidade, tristeza, introspecção e melancolia. O escuro aqui retido no branco, no vazio, no sonho negro.

## **2.2- O processo criativo**

Qual o potencial imagético de um inseto; no caso, dos insetos alados? Essa pergunta possibilita utilizar como partida o interesse estético do momento atual, ou seja, explicar como ele surgiu. Miniatura, delicadeza e efêmero são pontos importantes para a reflexão artística que aqui será desenvolvida.

No trabalho existem dois elementos que podem ser relacionados. Estes são o vazio e a penumbra. A penumbra aqui pode ser o ser que morre, pois ele está lá sob o aspecto da luz retratado no instante da morte no quase escuro de tudo, no quase nada. E o vazio é o branco do papel.

Como o Alain Badiou diz no livro *Pequeno manual de inestética* em relação ao termo “há”. Ele relata que o “Há” é o ser puro e o ser tem dois nomes: o vazio e a penumbra. O vazio é subordinado à penumbra. A morte, as cores, as formas, a textura podem ser o que o autor cita como o que é “inscrito no ser- as sombras- é o que se deixa contar”. (2002, p.121)

Tanto na literatura ou como nas artes em geral, às vezes, nos deparamos com as formulações de questões que podem ser filosóficas, sociais, estéticas ou poéticas. Questões para as quais existem ou não resposta. Para o autor a palavra que dá rumo a uma questão qualquer é o “ainda”. Ele explica o que é uma questão:

*O que é uma questão? Uma questão é o que fixa seu rumo em direção ao “ainda” do dizer. Vamos chamar de questão o fato de que a navegação do “ainda” tenha um rumo. E esse rumo será o rumo ao pior, a direção do pior. (2002, p.127)*

A questão do “ainda”, do dizer, no trabalho apresentado tenta formular as premissas que o vazio envolve. Com os elementos que o trabalho possui que são o vazio, o ser representado, as formas, as cores, as questões subjetivas e a própria imagem como, de acordo com o autor, poderia interpretá-la?

Para isso temos que entender as condições para se formular uma questão. Para Badiou é necessário que se tenha o ser puro, no caso, o vazio. Assim como é necessário à exposição do ser no sentido de que algo apareça nesse ser, a penumbra. Assim como é preciso ter um pensamento, este pensamento não é definível pelo que é exposto; deve ser pelo próprio ser, é o que é capturado na exposição. E por fim é necessário que se tenha inscrições de sombra na penumbra.



Ao usar essas respostas faço um comparativo: a penumbra é a folha do papel; o pensamento, as questões subjetivas e as inscrições de sombra são os elementos da figura, a parte estética.

Aqui os insetos são encarados com interesse estético ou mesmo poéticos, um interesse pelo modo de vida, pela possibilidade de uma vida paralela que voa diante de mim. A imaginação é meu mote.

Gaston Bachelard, em seu livro *A poética do espaço* (1978), discorre sobre a miniatura em um de seus capítulos. Ele utiliza para isso uma reflexão fenomenológica sobre a imaginação e a construção da imaginação.

Ao representar os insetos em tamanho diminuto posso ter contato com uma parcela da vida que imita a dos seres humanos em suas devidas proporções: nascer, crescer, acasalar, reproduzir e morrer. Em Bachelard a representação não é mais do que um corpo de expressões para comunicar aos outros nossas próprias imagens.

Schopenhauer diz, “o mundo é a minha imaginação. Possuo melhor o mundo na medida em que eu seja hábil em miniaturizá-lo”. (*apud* Bachelard, 1978, p.295) Na miniatura, os valores se condensam, enriquecem e na imaginária serve a um propósito: o de fecho a um valor, ou seja, uma imagem que interessou à imaginação.

A síntese de traços de insetos como uma forma de não representação científica biológica e sim artística no trabalho se refere a uma possível forma de usar a criação, a imaginação no livro, *A poética do espaço*. Há uma discussão entorno do assunto, onde os absurdos ou impossíveis existem na imaginação, pois elas não têm que confrontar uma imagem com uma realidade objetiva. Para isso, Bachelard escreve para o leitor a citação de Gérard de Nerval, “creio que a imaginação humana não inventou nada que não seja verdadeiro, neste mundo ou nos outros”. (*apud* Bachelard, 1978, p.297) Fala ainda da construção íntima das imagens e que as imagens não correspondem a nenhuma realidade. “Os quatro pequenos estames são como escovinhas amarelas”. Bachelard menciona que o botânico encontrou na completa descrição da flor a organização da vida da flor.

Quando o narrador entra na miniatura, Bachelard afirma que este encontra um objeto não corrente em sua dimensão, um lugar onde a lei da lógica dialética não possui valor, graças à liberdade de todas as dimensões - a liberdade à imaginação.

A metáfora do homem com a lupa é usada para explicar que o homem, ao ver o mundo com o olhar novo, tem diante de si um objeto novo. Fala da importância do detalhe, pois ele faz parte da miniatura, que é uma das moradas da grandeza. É no detalhe que Bachelard me inspira na escolha da miniatura como pesquisa. A possibilidade de enxergar numa nova perspectiva, num novo ângulo. A partir dessas características, o tamanho do objeto de observação simplesmente some para dar lugar a uma nova possibilidade.

Um dos maiores interesses neste trabalho com insetos é poder problematizar uma narrativa onde a dimensão cria um valor outro considerado pela maioria, pois o que importa aqui não é a ordem lógica do menor para o maior, e sim o menor tendo um valor aumentado. Bachelard descreve diferentes narrativas a que nos chamam as imagens. As imagens de um mundo particular onde o universo surge do menor e se transforma no maior como na citação:

*Eu via sair do lodo e se torcer voltada para o céu, aspirando o ar, uma minhoca semelhante aos pítons antediluvianos e que talvez também tenha, no universo microscópico, seu Hércules pra matá-la e seu cuvier para descrevê-la. (1978, p.301).*

O poder simbólico da miniatura começa a ser questionada quando nos vemos no lugar dela, quando a dinâmica do seu tamanho também é o nosso. Bachelard diz que, quando nos utilizamos da sutileza material, entramos numa imaginação; quando estamos no dinamismo da miniatura e estamos no lugar do minúsculo, agimos no maior. Significa que a força primitiva se mostra quando o minúsculo aparece como centro. Bachelard diz: “O minúsculo é a morada da grandeza”. (1978, p.305)

A imagem do inseto é uma imagem conhecida. Relacionar imagens conhecidas no estado de microcosmo e macrocosmo, e a relação que colocamos quando uma imagem familiar toma uma dessas dimensões faz com que um ou outro tenha a dimensão do céu. Uma imagem pode totalizar o sentido que cresce e o sentido que concentra. O poeta impede que a imagem se imobilize.

O autor cita justificar/ afirmar como o poeta sabe usar o grande e o pequeno a seu favor na construção da imagem e muitas vezes troca os valores como em *As cinco grandes odes*, de Paul Claudel, (apud Bachelard, 1978, p.309) quando diz:

*Como a gente vê as pequenas aranhas ou certas larvas de inseto como pedras preciosas bem escondidas em sua bolsa de algodão e de cetim. Foi assim que me mostraram uma porção de sóis ainda embaraçados nas barras frias da nebulosa.*

A imagem não se mede, muda de grandeza à medida que o sonhador transforma a imagem. Neste trabalho tanto a figura quanto a imagem são importantes. Pois é no potencial narrativo que carrega a figura o interesse principal do trabalho. A narrativa é mais um elemento não um contexto principal, ela envolve todo um conteúdo imagético, uma história que no trabalho é de seres vivos estarem de alguma forma no processo de morte. Aqui a narrativa é para contar, mostrar um momento, uma imagem como em Ana Elisa Dias Baptista, que diz:

*Baptista - Algumas obras minhas têm aspectos narrativos, não digo com início, meio e fim, mas uma pequena linha, os insetos cantam, tem inseto com balãozinho, falando alguma coisa. Numa das gravuras tem toda uma historinha, uma relação da banda de baixo com a de cima, os insetinhos de baixo se relacionam com os de cima. Algumas realmente são muito narrativas, a bandeirinha pirata da gatinha com ossinhos, é uma imagem plenamente identificada eu acho, sobretudo os ossos em X embaixo de uma caveira. São pequenas narrativas, reforçando a idéia de buscar o diálogo com o outro. Talvez por isso a não abstração, talvez por isso a figura reconhecível.*<sup>1</sup>

A banalidade da morte nos dias atuais, percebida sem uma reflexão de envolvimento com o ambiente despertou o tema morte dos insetos uma curiosa analogia com a vida humana. É o caso de Baptista em suas calco gravuras ao dizer:

*De fato, há uma negação da morte que, na cidade, é empacotada e entregue para viagem - a experiência que tive com os meus parentes. Nesta sociedade que nega o tempo que passa e nega apostando na juventude como se ela fosse permanente, os fofoletos enchem as caras com as substâncias necessárias para esconder as suas rugas de expressão, enfim, toma-se uma série de outras providências para fingir que o tempo não passa.*<sup>1</sup>

A morte como um fator lírico, de reflexão no tempo que as coisas possuem, na possibilidade que o fim proporciona de recomeço da matéria, dos sentimentos, do ciclo da vida. Talvez uma pausa para observar os detalhes do ambiente, do cotidiano de uma conversa. No século onde vivemos, em meio à imagens que não dizem algo de profundo ou ficam retidas tempo insuficiente na maioria do tempo para entendermos suas ideologias, fica cada vez mais difícil abstraí-las delas para

---

<sup>1</sup> Entrevista acessada em 8/9/2011 no site

poder respirar e ter algum sentido, uma reflexão. No trabalho, a morte se concentra e ganha valor potencializado gerando uma nova significação de gerar vida, pois agora ela é o tema, o oposto da ação narrada, a morte.

Ana Elisa Dias Baptista retratou os insetos de forma delicada, com fluidez quase de forma científica como um observador feroz de detalhes. (Fig.1 e 2).



Figura 1- Ana Elisa dias Baptista, *Ciranda* (gravura em metal- 45x60 cm, 2000).



Figura 2- Ana Elisa dias Baptista, *Ciranda* (gravura em metal-15x20 cm, 2000).

Observar com atenção coisas caídas das árvores como frutos, folhas, galhos foram uma diversão duradoura e constante. Na verdade observar buracos, insetos e coisas pequeninas é como uma forma de paradoxo em relação com o ambiente.

Há algum tempo fotografo alguns insetos mortos, mas apenas de forma aleatória não uma atividade de um colecionador, mas como uma espécie de observação detalhada. Trata-se de como a matéria se comporta na morte. Não é como em Baptista que procura a morte quando no seu processo guarda seus objetos em gavetas ou os vê apodrecer, simplesmente não os guardo vejo naquele momento e nada mais importa depois daquele dia de encontro.

A morte é um tema que não foi buscado, ao contrário de Baptista ele veio mais do gosto pelo estranho, um elemento obscuro de mistério. A morte é misteriosa e há um gosto pelo contraste de cores, pelas cores escuras, mais sutis. Baptista busca o tema:

*Baptista – “Sim, buscava, eu tinha sempre caveiras. Quando a minha avó morreu fiz uma série longa de desenhos, carroças puxando caixões, que era um sonho repetitivo. Mais tarde, fiquei me perguntando se não era uma lembrança porque em "Morangos Silvestres", do Ingmar Bergman, tem uma dessas carroças. Muito anos depois, já casada, assistindo ao filme eu disse: "Olha a carroça que eu sonhei, não era exatamente essa". Vi que na Europa havia essas carroças muito*

*mais altas do que as brasileiras. Na brasileira, a lateral é alta, o caixão deveria desaparecer ali ou levava-se em rede os cadáveres. Então, eu devo ter puxado o tema de lá...<sup>2</sup>*

Quando desenho insetos busco o belo e um pouco mais, por exemplo, uma mosca para muitos é feia, mais o movimento, as cores, as linhas e dimensões dão a ela uma delicadeza, sutileza que expande a palavra belo além da estética. Nisso divido um pouco o interesse com Baptista:

*Não necessariamente o belo. Se não eu faria um bichinhos um pouco mais bonitinhos. Você olha os retratos de Hans Holbein, eles são muito belos, Diego Velázquez é belo, Pablo Picasso é belo, mas também Picasso já é essa transição, já consegue colocar coisas feias que vemos como belas. Essa questão do belo na arte já ficou para trás, ainda bem?*

Para ilustrar uma calco gravura de Baptista (fig.-3).

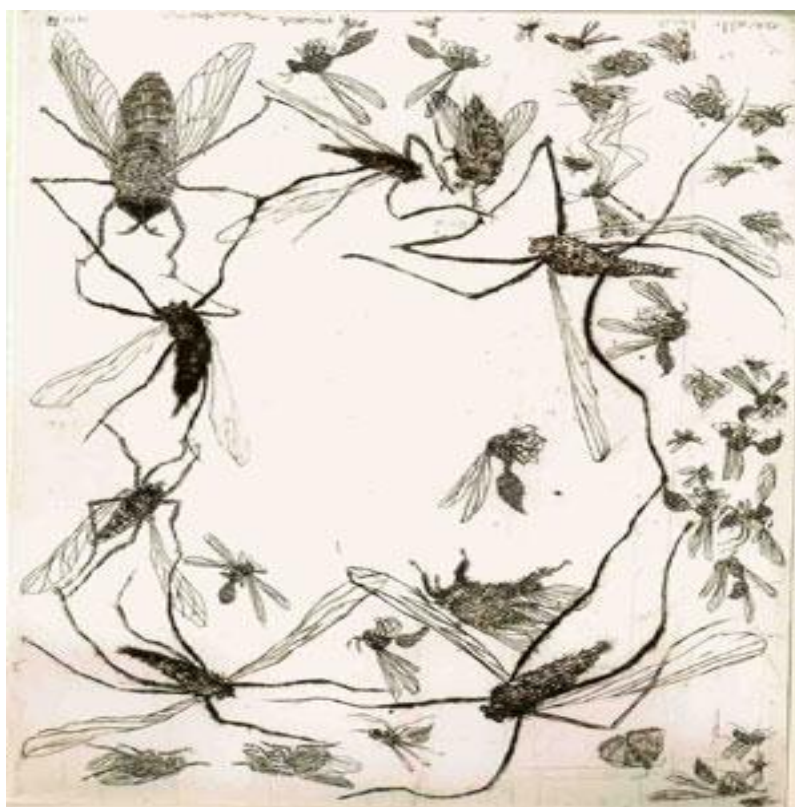


Figura 3- Ana Elisa Dias Baptista, *Ciranda* (gravura em metal- 10x14 cm, 2006).

<sup>2</sup> Entrevista acessada em 8/9/2011 no site

[www.museovictormeirelles.org.br/umpontoeoutro/numero3/entrevista-htm](http://www.museovictormeirelles.org.br/umpontoeoutro/numero3/entrevista-htm)

Há uma influência no gótico quando se está no imediatamente vivenciado, no sensível no particular e na vida orgânica. Na natureza pude encontrar meu objeto assim como no gótico participo do poder do natural da natureza que este movimento compartilha como em: “Esta deixou de ser um mundo silencioso, material, sem alma, como parecia- e estava condenada a parecer”. (2000, p.237)

O sentimento morte se insere na procura do período gótico como na citação. “O homem investiga a natureza não mais em busca de meras analogias de uma realidade sobrenatural, mas, antes, para encontrar traços de sua própria personalidade e reflexos de seus próprios sentimentos”. Esta possibilidade permite a sensação do outro, ou um eco que representa um pouco o indivíduo perante a obra, ou a sociedade diante desta.

Fazer com que o cotidiano seja novo é fazer com que ele desperte curiosidade e não banalize o que vemos diariamente.

### 3- PROCESSO CRIATIVO

Para que fique clara a proposta desta pesquisa, é preciso relatar um pouco do processo criativo que vem da procura de uma identidade visual. O trabalho é voltado para imagens onde constato um interesse nas distorções, nas formas orgânicas, nas asas e em muitos casos, nos insetos. Insetos que com constância aparecem no meu processo criativo e a partir dessa observação percebo meu objeto de trabalho. É nos desdobramentos da procura por um trabalho artístico representativo que me deparo com a mosca, a libélula e a borboleta, elas estavam lá como elemento estranho, simbólico que tem algo a mais a dizer.

Encontrar o elemento de trabalho foi o primeiro passo, depois veio selecionar imagens interessantes para referências, um banco de dados coletados com imagens de insetos fotografadas por mim e por outros. Essas imagens escolhidas tem como ponto de partida o detalhe, posição, o tipo de inseto, cores e movimento que possuem na fotografia.

A construção da composição inicia-se com a escolha da não representação científica e realista do inseto, para ter uma liberdade além da ilustração. Para favorecer o processo criativo, esta foi uma das decisões tomadas. Em seguida, o material é determinado com a melhor resolução gráfica. A princípio seria apenas elaborado com grafite, num sentido de um desenho que desaparece, porém o resultado não foi satisfatório. Assim prosseguiu a experimentação com pastel e colorpencil, que apresentaram melhor resultado para um traço mais solto.

Utilizar colorpencil favorece o resultado gráfico e as proporções da figura são construídas com melhor fluidez. A escolha da cor é fator de interesse estético, visto que os insetos possuem cores abundantes. Porém, utilizo apenas uma única cor – o marrom – pois possibilita um foco maior na imagem, no traço, na linha, e não na cor.

Os insetos são configurados com linhas tortuosas, retilíneas às vezes como uma silhueta vazada. Desde o primeiro desenho até o décimo primeiro estabeleci uma série onde não há materialidade, textura há apenas a linha e o papel. A cor branca dá a ideia de espacialidade e imensidão.

Existe outro elemento que é o branco do papel, uma vez que o inseto é um elemento solitário na composição. Há também uma ligação com vida dos insetos



escolhidos que são solitários, assim como no instante da morte, no qual, na maioria das vezes, se está sozinho.

A ausência se faz presente principalmente na anatomia do inseto, no sentido de eles (os insetos) não serem completos – na maioria das composições não há todos os pares de patas, olhos ou caudas, por exemplo, como é percebido nos desenhos a seguir:



O branco tem importância reforçada na ausência e num novo sentido que é a expansão, o contrário da miniatura. A expansão assim é um contraponto, ela age como nós, o ambiente, o clima que está em volta desse inseto miniatura: Além de

possibilitar um elemento bucólico, vago na tentativa de construção poética do instante.

A respeito da expansão, Gastão Bachelard afirma que quando realizamos em nós o ser puro da imaginação pura, as obras de arte podem então ser subprodutos do existencialismo do ser imaginante. O produto é a consciência dessa ampliação. É quando tomamos consciência desse processo por uma ação de uma dialética brutal, então temos consciência da grandeza. Percebemos que a grandeza está em nós. “A imensidão é o movimento do homem imóvel”, afirma Bachelard (1978, p.317).

Com o conceito de imensidão interior podemos perceber, entender, ter significação para o mundo diante de nós. Ele cita a floresta para exemplificar melhor que não precisamos permanecer no bosque para sabermos que estamos num mundo sem limites. Se não sabemos aonde vamos, não sabemos mais onde estamos.

Bachelard, para demonstrar a imensidão do mundo com a profundidade do ser íntimo, transcreve Czeslaw Milosz:

*“Eu contemplava o jardim das maravilhas do espaço com o sentimento de olhar o mais profundo, o mais secreto de mim mesmo: e sorria pós (após) nunca me imaginara tão puro, tão grande, tão belo!” (1978,320).*

Bachelard confirma: a imensidão é um tema poético, inesgotável. É o intercâmbio do pequeno com o grande. Esse é o foco.

Um signo pode tomar uma imensidão, como na palavra vasto em Baudelaire, que a utiliza de forma diferente da qual conhecemos cotidianamente. Como em “vastos lazeres, o devaneio é favorecido pelos vastos silêncios do campo”. (1978, p.321) Baudelaire a usa com um argumento metafísico, para unir o vasto mundo e os vastos pensamentos.

O espaço não é simplesmente o espaço físico, ele existe dentro das coisas, do ser, ele irradia seu significado e está em si mesmo. O autor cita Diolé, que descreve uma cena que vivenciou. Imaginou que mergulhava no deserto para demonstrar que ele recorrera apenas a imagens com realidades estáveis e fortes,

que são as imagens que estão na base de toda imaginação. Nada existe que derive de quimeras e de ilusões.

Ela não é representada como realista, e nem é o interesse. Não é uma ilustração científica biológica, um estudo do ser. Ela existe como instrumento poético nela mesmo, numa representação minha, onde posso separar suas partes, posso aumentar suas partes, simplificar ou até mesmo acrescentar.

Partindo dessa observação, busco encontrar materialidade nos desenhos. Fiz uma nova série onde procuro reinventar os insetos. Não mais com colorpencil, mas com a aquarela fugindo da perspectiva e incluindo partes vindas da imaginação. Ao mesmo tempo procurei transformar o corpo do inseto em elementos que compõe a paisagem, tornando as manchas distribuídas de forma que tornam o com um aspecto envelhecido quase irreconhecível no sentido da anatomia fiel. As manchas dão volume e distinguem os planos tornando-os delicados, como na imagem abaixo:



No próximo desenho, diferente do desenho anterior exagere no tom das cores para dar peso a composição, para retratar assim um inseto quase sem suas partes e seco caído ao chão, ou quase cai:



No trabalho seguinte, a pequena forma quase disforme sem cabeça mostra a efemeridade da vida que se desmancha delicadamente. Com delicadas pinceladas que acumulam a matéria num volume que pesa. O peso de um corpo sem vida. Este desenho se diferencia dos anteriores pelo tonalidade. Uma cor viva, forte que lhe proporciona uma rigidez que procuro nos demais, mas foi nesse que encontrei. É uma imagem que vai a favor da gravidade, que logo encontrará o chão. Suas asas recolhidas, seu corpo sem movimento despedaçando-se e ao mesmo tempo tão presente visualmente:



Experimento unir as duas soluções encontradas, ou seja, a aquarela com o colorpencil tentando encontrar uma unidade. Porém são duas imagens com aparências muito diferentes com o qual não formam um conjunto. Procuro detalhar algumas partes em contrapartida da síntese da imagem completa.



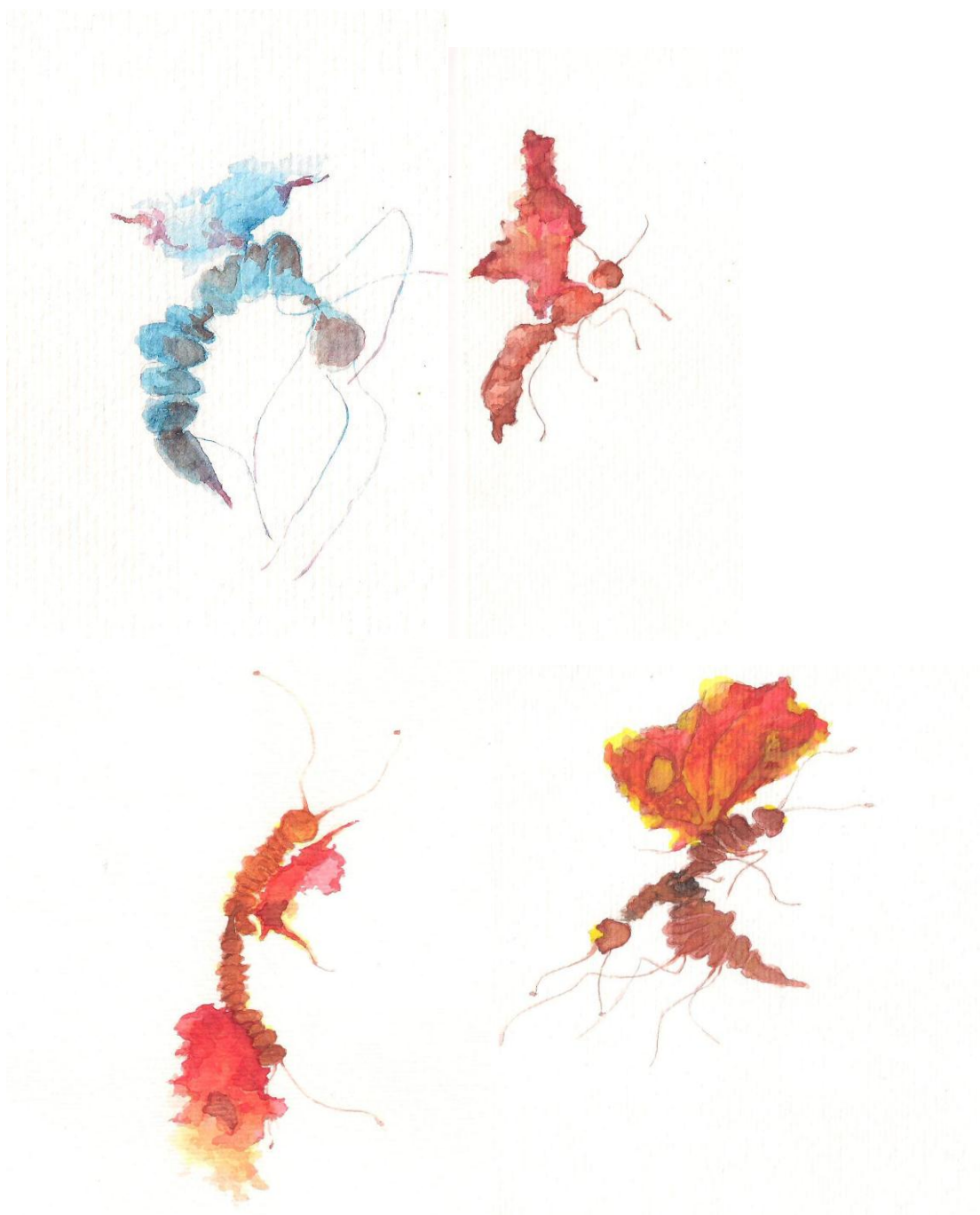


No passo seguinte, com a mudança da espécie de inseto, agora com as borboletas posso trabalhar com as cores que elas possuem e as cores que lembram envelhecimento, degradação. Procurando exaltar o efêmero da matéria, além das partes destruídas ou arrancadas.



Neste percurso as imagens vão se tornando mais abstratas.





Foi observando as folhas secas que juntei, às borboletas, a sua estrutura. Uma vez que elas quando morrem caem em algum lugar, vi a possibilidade das folhas secas, como um ambiente a explorar.







Mas o que é essa imagem, o que ela causa em quem a vê? Nojo, agonia, repulsa, indiferença? Ela suscita quais lembranças? O lúdico entra em ação como jogo imagético. [?]

## **6- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na proposta do meu trabalho, busco observar no meio onde vivo “objetos” que passam despercebidos na maioria das vezes em nosso cotidiano, os insetos. Olhar estes seres significa questionar sua importância poética, plástica quanto ao tema possível em arte. Retratar as características visuais e refletir possibilidades de buscar caminhos novos para a criação poética de um objeto de estudo conhecido.

Considero insetos: sonho negro uma pesquisa que aprofunda um pouco a ambiguidade, vida e morte buscando explorar linha tênue entre a figuração e a abstração num sentido de quase não identificação do “objeto” de estudo, os insetos.

Procuro trabalhar com o efêmero. É um trabalho que baseia sua criação em seres que possuem um período de vida curto. Esse trabalho não se põe a retratá-los como uma representação científica, mas sua especificidade, sua delicadeza, sua degradação e sua morte.

No futuro pretendo explorar mais a aquarela e outras técnicas com uma série mais completa que dialogue com contrastes dos seres vivos e os insetos.

## REFERÊNCIAS

- 1- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- 2- BADIOU, Alain. *Pequeno manual de inestética*. São Paulo: estação liberdade, 2002.
- 3- HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins fontes, 2000.
- 4- MEDEIROS, Maria Beatriz. *Arte em pesquisa*. 13º Congresso da APAP. Brasília: PPG-ARTE/UNB, 2004.p.1 a 8 e 178 a 182.
- 5- <http://ciencia.hsw.uol.com.br/mosca.htm>, acesso em setembro de 2011.
- 6- <http://diariodebiologia.com/2010/04/o-ciclo-de-vida-impressionante-da-libelula/>, acesso em setembro de 2011.
- 7- [http://en.wikipedia.org/wiki/New\\_Gothic\\_Art](http://en.wikipedia.org/wiki/New_Gothic_Art), acesso em novembro de 2011.
- 8- <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/insetos.htm>, acesso em setembro de 2011.
- 9- <http://www.ideariumperpetuo.com/borboletas.htm>, acesso em setembro de 2011.
- 10- <http://www.museuvictormeirelles.org.br/umpontoeoutro/numero3/entrevista.htm>, acesso em setembro de 2011.
- 11- [http://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%B3tico\\_\(estilo\\_de\\_vida\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%B3tico_(estilo_de_vida)), acesso em novembro de 2011.

## APÊNDICES

Detalhes da série Insetos: sonho negro

















